

FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO

Professor catedrático da Faculdade de Medicina

«*Una visita*»



IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA — 1934

RC
MNCT
61
RIB

À seu preço de Amigo e

FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO

Professor catedrático da Faculdade de Medicina

Telega do Sr. Dr. Dr. Dr.
Que meus Namalho

«Una visita»

Invenção ap. clare

de

Francisco de Almeida

F. de Almeida



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RL

MNCI

GA

RIB



IMPRESA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA — 1934

SEPARATA
DA
Coimbra Médica
Vol. 1 — 1934

«*Una visita*»

Começava o ano de 1926. Então, era eu director da Faculdade; e o velho José Fernandes, preparador de bacteriologia, vivia os últimos meses da sua vida honrada (1).

Quando, graças à iniciativa do dr. Augusto Rocha, a Faculdade de Medicina conseguiu criar o Laboratório de Microbiologia, José Fernandes, que havia já bastantes anos era servente de Anatomia Patológica, foi chamado para trabalhar cumulativamente em o novo estabelecimento, o primeiro da sua espécie em Portugal. E era um dos sobreviventes dos tempos heróicos do Laboratório, em o que a fé, a dedicação e o entusiasmo de alguns homens tiveram de suprir a quasi completa falta de auxílio do Estado, para a criação e o desenvolvimento do novo organismo de ensino e de investigação (2).

(1) José Francisco Fernandes morreu, com 68 anos de idade, em 9 de Abril de 1926, nas enfermarias de Clínica Cirúrgica dos Hospitais da Universidade, para onde fôra transportado do seu domicílio, por ter sofrido uma hemorragia interna. Natural de Aldeia-do-Mato, concelho de Abrantes, foi trazido para Coimbra pelo Doutor Raimundo da Silva Mota, professor de Anatomia Patológica, para prestar serviço no respectivo laboratório. Não me foi possível saber a data certa em que começou ali trabalhando, porque durante muito tempo fêz parte do chamado pessoal variável, que era pago pelo expediente dos gabinetes, sem ficar constando das fôlhas de pessoal arquivadas na contabilidade. Nestas, José Fernandes só figura a partir de 1902, nomeado servente do Laboratório de Microbiologia e Química Biológica por Alvará da Reitoria de 10 de Maio dêsse ano. Por decreto de 20 de Junho de 1919, foi nomeado preparador do mesmo laboratório; e exerceu as respectivas funções desde 6 de Julho, dia da posse, até à sua morte.

(2) O Doutor Augusto Rocha, nomeado professor substituto da Faculdade de Medicina, e encarregado da regência da Cadeira de Patologia Geral,

Logo que se tornara possível dotar o Laboratório de Microbiologia com pessoal seu (1), José Fernandes fora ali fixado e continuara a ser, durante muitos anos e sem desfalecimento, um servidor competente, dedicado e modesto, da Faculdade de Medicina. Sempre prazenteiro, respeitoso e avontadado, tirara proveito, para a sua educação nas manipulações bacteriológicas, do ensino excepcionalmente competente de Lepierre (2). E merecera que todos, mestres e estudantes, o reputassem possuidor de méritos bem maiores do que aqueles que faria supor a sua humilde categoria de servente.

Tentado por oferecimentos de uma justa melhoria de situação, quando ainda a Faculdade, com pesar, não conseguira possibilidade de levantá-lo para posição mais harmonizável com a valia

começou no ano escolar de 1882-1883 a ensinar microbiologia, realizando os respectivos trabalhos práticos no Laboratório de Histologia.

Com a preocupação de criar desde logo uma organização autónoma, que primeiro esteve para chamar-se Laboratório de Patologia Geral e depois Gabinete de Bacterioscopia, Augusto Rocha pedia, em Dezembro de 1883, ao Conselho da Faculdade, 70\$000 réis destinados a começar a compra de material.

O Conselho solicitou do Govêrno, em 11 de Janeiro de 1884, o subsídio de um conto de réis para o laboratório projectado; mas um ano depois, em 7 de Janeiro de 1885, ainda tinha de repetir o pedido.

Dada a dificuldade de obter meios próprios, os primeiros trabalhos tiveram de ser feitos com material emprestado por outros estabelecimentos da Faculdade; e em 1887 ainda o Laboratório não possuía microscópios. Contudo, em 1888, começavam as suas publicações científicas. E, finalmente, em 1890, após oito anos de esforços de Augusto Rocha e da Faculdade, era possível conseguir salas especiais para a instalação do Laboratório, que se ficou chamando de Microbiologia e Química Biológica. (Cf. *Laboratoire de Microbiologie et de Chimie Biologique*. Notice historique par le professeur Charles Lepierre. Coimbra. Imprimerie de l'Université. 1906).

(1) O Director do Laboratório, sem retribuição, foi, até 1892, o Doutor Augusto Rocha, que nesse ano passou para professor de Clínica Médica. A cadeira de Patologia Geral e a direcção do Laboratório de Microbiologia ficaram, então, entregues ao Doutor Luiz Pereira da Costa.

Em 1888, o Laboratório começou dispendo dum preparador, com uma pequena gratificação mensal. O primeiro foi M. Silva Sena.

José Francisco Fernandes começou, desde a fundação, servindo por 150 réis diários no Laboratório de Microbiologia, durante o tempo em que era servente de Anatomia Patológica. Em 1902, já trabalhando somente na Microbiologia, ganhava 180\$000 réis anuais. (Ibidem).

(2) O Prof. Charles Lepierre foi nomeado em 1892 chefe de trabalhos práticos com a retribuição mensal de 18\$000 réis. (Ibidem).

dos seus bons officios, jàmais José Fernandes quisera abandonar o estabelecimento de que se considerava, e de que era considerado por quem o conhecia, como uma parte integrante e indispensável. (Porque êle pertencia àquela boa raça de modestos mas valentes servidores de que os organismos universitários de Coimbra dispõem, felizmente. Habitados a nunca perder de vista a tôrre do velho alcaçar, consideram a Universidade como coisa sua; mas para a servir e amar!... Honrada gente!).

Tudo, pois, justificava o geral affecto de que gozava o velho e prestante preparador da Faculdade, cuja morte, no Abril seguinte, haveria de deixar gravada em todos nós uma saüdade sincera...

*

Ora, numa tarde chuvosa e triste, fui avisado de que à minha porta estava um senhor, José Fernandes de nome, que desejava falar-me.

Convencido de que se trataria do excelente homem que eu conhecia e estimava desde os meus tempos, já remotos, de estudante, recomendei logo que dessem entrada ao visitante. Só chegado à sala onde êste me aguardava, reconheci o êrro da minha suposição.

Não era a boa pequena figura, de face rubicunda e pêlo branco, risonha e aberta, do empregado universitário a que eu tinha na minha frente. Sôbre a luz baixa, que da janela vinha, desenhava-se confusamente o vulto, atarracado e ventruado, dum individuo de regular estatura.

E ouvi dizer:

— *Buenos dias, señor decano, como vá usted?... y su distinguida familia?*

Respondi agradecendo. Dispensei-me de perguntar a quem tinha o gôsto de receber: — *Don José Fernández*, filho da nobre Espanha e homem bem educado... — pensei; e entendi que já chegava para elucidação de início. Informando de que era apenas director, e não decano, e apertando a mão que me estendia, roguei que se assentasse.

A sua mão era larga, humedecida e mole. Como mole, desde logo, me pareceu o seu dizer.

A geometria das palavras e das frases era a castelhana; mas delas era surdo o tom, apagado, e sem côr e sem relêvo. E aquele pronunciar sem contrastes, plano e triste, aquele falar para dentro, que no português não fica mal, porque lhe é próprio, impressionava desagradavelmente ao serviço duma língua normalmente tôda exterioridade e cheia de ressaltos.

A cadeira que lhe ofereci, de costas e lados almofadados, a formar parede, era das que os negociantes do mobiliário condecoram, no português da especialidade, com o nome de *bergère*. Para dentro dela, desceu o corpo do visitante, com movimentos lentos de *flexibilitas cerea*, e, pouco a pouco, adaptando-se ao contôrno e tomando para si a forma do continente. E assim ficou: pastoso, mudo e inerte...

Agora, com êle exposto a menos desfavorável luz, podia eu melhor examinar a quem me honrava. Era um homem de meia idade, todo de amelado vestido. A glabra face, macilenta e opada, de tom do marfim velho, não destoava muito da côr da indumentária, em cujo conjunto só a ponta de purpúreo lenço, na abertura dum bolso, punha uma nota vivaz, mas inesperada e falsa. O cabelo, escuro ainda, mas rareando já, deixava livre a fronte poderosa, imensa, de entradas fundas. E, como aos olhos, pequenos e sem coloração precisa, faltava qualquer expressão, só ela, a fronte impressionante e ebúrnea, como que tentava dar espiritualidade ao todo, não conseguindo, contudo, que êste deixasse de sugerir ideas desagradáveis e soturnas, de viscosidade e de lugares sem luz.

Os sapatos, pretos, vastos, pareciam ser dum cabedal flexível, mole como tudo o mais; e afigurou-se-me que a fenda, onde os atacadores faziam um apêrto frouxo, descia muito baixo, na gáspea, a caminho da biqueira.

Tudo isto e a largura dos rastos, abonados, permitiam aos pés um desenvolvimento em superficie, e tal que eu disse comigo: — Deviam ser assim as «fofas arrufadas». -- Porque me acudira à idea o sarcasmo dos estudantes coevos daquele digno Martins de Carvalho, que, a-pesar-dos seus méritos de homem e jornalista, nem sempre se vira livre da irreverência dos jovens a quem êle amplamente usava dar o grau de «discolos», encolerizado e genérico...

E eu concluí: — É um gotoso; mas, evidentemente, não de

florida gota... — E mais pensava: — Gigante não é; mas tem os pés de barro. E, a julgar pela fronte portentosa, é muito capaz de ter, também, cabeça de ouro —.

Tinha eu tido tempo de sobra para estes exames e conjecturas. E o visitante continuava triste, silencioso e imóvel. Não arrancava!...

— ¿ Ciudadão espanhol, não é verdade? — interroguei, com o propósito de pôr o assunto em andamento.

— *No, señor; americano.*

— Americano do Sul?

— *No, señor...*

— Mexicano, talvez?

— *Tan poco; americano del norte.*

— ¡ Grande país, a América! — cumprimentei, urbano. — Do Texas... da Flórida... da Alta Califórnia... — fui tentando sucessivamente, à medida dos acenos negativos, e pensando que encontraria na proveniência dêle explicação para o tom do seu falar.

— *No, no. Soy nacido en España.*

Perplexo, olhei o homem. Êle ia tirando do bolso interior uma caderneta enxovalhada.

— *Mi cédula* — dizia, apontando a sua identidade: natural de Espanha, naturalizado americano. E, na mesma voz baixa, igual, desanimada e sem timbre, acrescentava o informe, dispensável e pouco brilhante, de ser refractário do exército da sua pátria de origem.

Refez-se o silêncio. A criatura passava agora a mão larga, pela ainda mais larga fronte sua. Como tinha a cerviz inclinada um tanto, era com a avassaladora fronte, mais do que com os olhos, que parecia olhar-me. Eu, intrigado, perguntava a mim próprio: — ¿ Que pretenderá êste *caballero de triste figura*? — Mas logo me pareceu que não bastava interrogar-me; e que era preciso interrogá-lo, a êle. Por isso, inquiri:

— ¿ Em que posso ser útil ao Senhor José Fernandes?

Na sua voz monocórdia, começou, então, *Don José*, duma forma que eu ainda nunca ouvira:

— *Papá y mamá eran pobres. Me han creado com muchas dificultades. Yo hube de trabajar desde los siete años. Ahora, papá y mamá son viejos; tienen sesenta y siete años; y soy yo que los ayudo y mantengo...*

Uma nova pausa longa. Eu, feliz por descobrir aspectos favoráveis no meu interlocutor, disse :

— *Muy bien...*

E, com o entusiasmo de poder elogiar-lhe o amor pelos progenitores, continuei falando, sem resistir à tentação, tão freqüente em portugueses conversando com os vizinhos peninsulares, de utilizar a linguagem dêles, antes do que a nossa, no empenho delicado, senão modesto, de conseguir um melhor entendimento. Foi assim, usando e abusando com desenvoltura dos meus conhecimentos de castelhano, que entoei um hino à piedade filial...

¡Não me interrompera *Don José!* Eu sentia-me tentado a agradecer o que poderia parecer aprêço pela minha facúndia em língua estranha. Mas ponderei que o seu rosto permanecera invariado, sempre sisudo e pálido; e que, na simples incisão sem côr de lábios que era a sua bôca, nem ao menos por um momento perpassara a sombra dum sorriso. E a falta dêsse leve sorriso, protector e de benévolo e irónico desdém, com que os espanhóis costumam acolher a demonstração dos nossos talentos oratórios em castelhano, fêz-me dizer comigo :

— ¡O homem padece de uma incurável tristeza!...

Decididamente, se, como me parecia justo, o meu dizer espanhol havia de servir de gáudio a alguém, êsse tinha de ser eu próprio, por exclusão de partes. A idea dessa obrigação acabou de me deixar bem humorado.

Mas como eu me calara, já havia bastante tempo, e continuava a olhá-lo interrogativamente, *Don José*, trabalhando no mínimo, continuou assim :

— *Hace diecisiete años que soy especialista de enfermedades del recto y blenorragia...*

— *Pues, señor! Es cosa rara esa, a mi parecer, mismo en América. Y es poco verosimil que en Portugal o Europa encuentre usted tal combinacion de especialidad!*

— *No estoy al corriente...*

— *Quiera usted seguir...*

— *Si, señor. Tengo mucha práctica...*

Como de novo emperrasse, eu, impenitente e sem escrúpulo de maior, continuei a estragar a língua de Cervantes, para, em tom de cumprimento, proclamar que a experiência — essa mestra da vida — não valia menos do que a erudição e para, em abôno,

resumir como pude, de memória, o velho conceito indú, do *Ayurveda* ou Ciência da Vida: «Aquele que sòmente aprendeu os princípios de medicina, sem ter colhido instrução prática, perde o sangue frio em presença dum doente, como um poltrão, na refrega, perde o domínio de si próprio...».

— *Ya lo creo.* — E outra vez se calou...

— *Decia usted, doctor?*...

— *No soy doctor; tengo mucha práctica, pero ninguna teoría...*

Outro silêncio. Perplexo de novo, pensava eu agora na substância do restante da afirmação do livro do sábio Suçruta: «... Por outro lado, aquele que, por precipitação, se lança na prática sem ter gasto tempo a estudar os princípios da arte é indigno do auxílio das pessoas cultas e merece um castigo real. Ambos êles são tão insuficientes e tão incapazes para se tornarem clínicos como uma ave o é para voar com uma só asa» (1).

E voltava a interrogar-me mentalmente: — ¿Mas o que querará de mim êste «fenómeno»?...

Notando que eu me mantinha calado e aborrecido, *Don José* recapitulou:

— *Papá y mamá eran pobres; yo hube que trabajar...*

— Perfeitamente, atalhei eu, desde os sete anos. E agora ajuda e mantém, muitolouvavelmente, seus honrados pais, já velhos... ¿Mas afinal em que posso ser-lhe útil?

Na impaciência que me tomava, eu desistira de causar mais prejuízos ao vocabulário e à gramática castelhanos.

Don José, com o seu lenço, parecia enxugar a fronte dum suor que nem o exercício físico, nem o calor ambiente explicavam. E tornava:

— *Yo no soy doctor; y no tengo teoría. Por eso mismo, me he tomado la libertad de venir á hacer una visita á usted, señor director...*

— Para?...

— *Para rogarle tenga la bondad de decirme como podría obtener el diploma.*

— Lamento, senhor Fernandes, ter de depreender que não tem

(1) Cit. por Dechambre. *Le médecin*. Paris. Masson & C.^{ie}. 1883, pgs. 10 e 11.

um curso médico estrangeiro regular. Se assim é, não poderá ser admitido aos exames de repetição...

— *Pero, tan poco lo desearia yo. Solamente pretendia el diploma...*

E, como eu, atordoado, o olhava, sem bem compreender, prosseguiu:

— *Yo le daria quince contos, señor; era grande favor suyo!...*

Assaltou-me o súbito desejo intenso de levantar *Don José* por minhas mãos e de o enfiar pela janela fora. Teria de sofrer a camaradagem prolongada e sem pressa de alguns operários conscientes... de que a restauração duns caixilhos seria obra para vários meses. Mas também: «; que gesto!...», como diria o outro...

Infelizmente, o homem devia pesar em redor de 80 quilos; e eu, seguramente, não seria capaz de um «arranque» de tal fôrça. Só conseguiria um corpo-a-corpo; nem mesmo seria uma luta greco-romana, mas apenas um «pancrácio», como agora se diz da luta livre, um «cada qual se agarra como pode», sem elegância e sem arte! E essa idea desgostou-me...

Quebrado o ímpeto primeiro, logo veio a reflexão aplacante: A nossa casa tem de ser abrigo generoso e sagrado para estranhos; e Alá determinou que se proteja e honre o hóspede... Ponderando isto, e para desabafar, eu, a meia voz, devagarinho, fui-o então... encomendando a Alá!...

José Fernandes procurava entender o meu murmúrio. E eu, com êste mais aliviado, já recordava o aforismo dos juristas: «*actum non facit reum, sed mens*». O «especialista» que tão cândidamente se confessava refractário, qualidade de duvidoso mérito, não tinha a consciência de que propunha uma pouca-vergonha. Êle vinha da livre América, onde havia liberdade para muita coisa, mesmo para obter diplomas simplesmente por dinheiro; desejava obter um assim em Portugal. Tratava-se, apenas, da sua parte, duma inconsideração das coordenadas geográficas. Não restava dúvida: não podia haver crime, onde faltava a intenção criminosa...

Disse-lhe, pois, sêcamente, mas com moderação:

— O que o Senhor Fernandes deseja é impossível. Para a nossa lei constituiria um crime grave, como para a nossa moral um feito indecoroso. Quero pensar que, na sua qualidade de cidadão americano, julgou que assim não fôsse. Há notícia de

que na Europa, excepcionalmente, mas com mais freqüência no seu país de adopção, algumas escolas ou universidades, poucas de seus créditos, têm concedido diplomas unicamente contra pagamento de certas quantias pelos interessados. E é conhecida a história dum professor francês que, após leitura dum anúncio e recebimento de informações complementares, mandou vir e obteve pelo correio um diploma de médico para o seu criado, mediante remessa de preço que lhe foi pedido (4). Desta forma, o que me fica admirando mais é que o Senhor Fernandes se tenha lembrado de vir procurar tão longe aquilo que tão perto lá tinha, na América, em universidades do país.

Don José ouvira atento. E explicou:

— *La cosa es ésta: Es muy verdad que la Universidad de Filadelfia, Pensilvania, com tambien la de S. Luis de Missouri y unas quantas, han pasado muchas credenciales en los terminos referidos por usted. Muchos sastres, herradores y dentistas han obtenido asi sus diplomas. Se los dejaban en cien dolares...*

— Não era preço excessivo...

— *No, por cierto* — e suspirou —. *Pero ahora no hay más. Quien no lo ha obtenido ya no puede conseguir el diploma. Han acabado con eso después de algunos casos que llamaron demasiado la atención pública. En un dellos ha sido el médico que, con unas tenaças, destas de arrancar clavos...*

(4) *On a vu pulluler un peu dans tous les pays d'Europe, mais particulièrement en France et à Paris, des docteurs des Facultés de Iéna, de Chicago, et surtout de Philadelphie, dont les diplômes avaient, le plus souvent, été obtenus, in absentia, moyennant une somme plus ou moins élevée.*

Le Dr. Dechambre avait reçu un prospectus émanant d'une agence établie à Jersey, proposant l'obtention d'un diplôme de docteur en médecine de la Faculté de Philadelphie, moyennant une somme de cinq cents francs (a). La somme versée, le diplôme était expédié par retour du courrier. Désireux d'expérimenter ce système d'obtention de titres scientifiques, il envoya les cinq cents francs et demanda un diplôme de docteur en médecine au nom de son domestique. La réponse ne se fit guère attendre; celui-ci reçut un diplôme dûment signé et parafé, faisant de lui un docteur en médecine. (P. Brouardel. «L'exercice de la médecine et le charlatanisme». Paris. Baillièrre et Fils. 1899, p. 55.

(a) A atenção de Dechambre fôra solicitada pelo seguinte anúncio de jornal:

«Les personnes désireuses d'obtenir sans déplacement les titres de docteur ou bachelier peuvent s'adresser à Medicus, r. du Roi, 46, à Jersey».

— ¿Umas torquezes?

— *Eso es. Con ellas, ha sacado un trozo de carne del paciente. No con una lanceta, haciendo una incisión, una cosa gentil; pero con unas tenazas... unas tenazas, señor! El pobre ha gritado; á la gente que pasaba y deseaba entrar á acudir, se le contestaban: — «¡No ha sido nada!... no ha sido nada!... es el señor doctor que está operando!...».*

— ¿Em que sitio do corpo era a operação?

— *En los riñones, señor... Otra vez fué que el médico utilizó cuátro latas de ocho onzas de cloroformo para adormecer al doente: cuátro veces ocho, treinta y dos onzas, un litro (1) de cloroformo, señor!... Después de la cloroformización, el desgraciado no ha retomado más el conocimiento: ha muerto! Y era por un dedo amachucado!... Que impudencia!... Por causa de semejantes acontecimientos, han acabado con la otorga de las cartas... Lástima!...*

Tornou a suspirar. E, mais triste ainda, de novo se ficou, silencioso e quedo.

Ora a mim quis-me parecer que já tinha dado a hora. Ergui-me. Mas êle não se ergueu; e, ajeitando-se melhor na cadeira, perguntou:

— *Y en Lisboa, ó Porto?*

— Nem em Lisboa, nem no Pôrto, nem de-certo na Europa em parte alguma — declarei, impaciente...

— *Todavía, si. No fuera yo refractario, que lo conseguiria de pronto en España...*

— Não creio, deve ser engano seu.

E como o «refractário», indiferente à minha attitude, permanecia na dêle, assaltou-me o receio de que lhe acudisse o cúmulo de me convidar a sentar na minha própria casa. Por isso, de repente, de novo me sentei.

Então, José Fernandes esclareceu que sempre poderia dar mais alguma coisa; pois que o seu trabalho, de tantos anos, o habilitava a isso. Falava agora mais, demorando menos nas

(1) Don José de-certo quereria dizer um quilo. Com efeito, trinta e duas onças de 28^{gr},349 são duas libras inglesas, ou cêrca de 907 gramas.

A referência ao litro, no caso do clorofórmio, de 1.500 de densidade, daria um afastamento apreciavelmente maior.

pausas, se bem que sempre na mesma voz monótona e sonolenta.

Mas eu perdera já definitivamente a paciência. Como a chuva batia os vidros e eu o via ali caído sôbre si próprio, dentro da *bergère*, ocorreu-me, por ideas associadas, a poesia de Fabre Eglantine. E estragando, sem remorso, a linda música, como é próprio de quem tem o dote dum ouvido péssimo, e acompanhando-me com o bater dos dedos na vizinha mesa, comecei e segui cantando, friamente, a meia mas perceptível voz :

*«Il pleut, il pleut, bergère;
Recueille tes moutons;»*

.....
*«Voici, voici l'orage,
Voilà l'éclair qui luit».*

.....
*«Entends-tu le tonnerre?
Il roule en approchant»;*

.....

Sem cerimónia, eu modificava a letra, como a música, e apoiava mais nas passagens que me pareciam poderem constituir uma alusão e um aviso...

Plácido e taciturno, *Don José* não se comovia; nem se movia tão pouco. Estava ali para o que estava. Eu já me calara. Êle olhava a janela; não via chegar a tempestade, não dava pelo raio, nem sentia que o trovão se aproximasse; fleumático e conciso, resumiu numa só palavra o pouco que lhe pareceu certo de tudo quanto eu dissera :

— *Llueve!* — E não os recolhia, antes *«il revenait à ses moutons»* :

— *Obtenido el diploma, yo no exerceria en Portugal, mas fuera... Por consiguiente puderia usted, señor director...*

Perante um brusco movimento meu, não continuou. De novo se ficou. E eu, ao vê-lo na poltrona, mole e quási sem vida, lembrava a lição em que o saudável Mestre Daniel de Matos nos ensinava, fácil na palavra, hábil na acção, a maneira de extrair a placenta remissa: «— ... E, fazendo da minha mão cureta romba e inteligente, eu avanço, busco, descolo, extraio...; meus senhores, aqui está a placenta!».

; Assim pudesse eu extrair da poltrona o seu indigesto conteúdo!

Não o conseguiria, porém. Nem mesmo aquele Mestre, a-pesar-de artista no gesto e na dição, o teria conseguido tão pouco!

E eu dizia com os meus botões: — O nosso Pombal explicou ao embaixador de Espanha que são precisos quatro homens para tirar um português morto da sua própria casa. Talvez agora *Don José* cogite em quantos serão precisos para retirar um espanhol semi-vivo da casa alheia...

Mas estes exercícios espirituais não me divertiam suficientemente... Aborrecido, levantei-me de novo. E disse sem amabilidade:

— Já não chove!

— *Hay todavía, aun, una lloviçna muy nutrida...*

E não se mexia.

— O homem prepara-se para hibernar — pensei, preocupado. Sai para o patamar, escancarando, ampla, a meia porta. De lá, tornei, peremptório:

— É bom aproveitar esta aberta...

De fora da sala, pareceu-me ouvir algum movimento na cadeira. — Eis que *Don José* se eleva — esperancei-me.

O velho móvel, fraco, deixava sentir um gemido doloroso, longo. Era, com efeito, a massa confusa de José Fernandes que se levantava, quasi a pulso, como usam de fazer os que dos pés padecem.

Entre portas, *Don José* apareceu; emfim! E eu soceguei da inquietação que já me tomava, do possível alívio da cadeira; porque, se êle no solo caísse e alastrasse. ¿quem jamais poderia despegar e erguer todo aquele «protoplasma»?!...

Agora, na larga escada, no bordo do primeiro degrau e ao meu lado, o «especialista do recto e das blenorragias» oscilava, num equilíbrio indeciso. E voltava:

— *Yo le daria cualquiera cosa más. Le daria veinte contos. Lo agradecería toda mi vida...*

Toquei-lhe, então, no ombro, para o ajudar a descer. Mas fôra mal escolhido o momento: enteiriçou-se, coisa de que teria parecido incapaz; e atrazou-se um pouco.

Quando de novo voltou à beira do degrau, oscilante e a meu

lado, a impulsão que lhe dei, agora no extremo avançado da excursão, pecou por excesso: mal seguro de pés, desceu dois degraus e não mais, talvez, porque se amparara ao corrimão.

Não fiquei orgulhoso do sucesso; antes vexado.

— Nem tanto, disse comigo; esta maneira de tratar o hóspede não me parece ser duma cortezia perfeita!...

Mas *Don José*, sem dar mostras de estranheza e continuando a falar na sua voz empastada, ia descendo; e eu com êle. E, graças aos frutos da experiência, fui melhorando o meu processo. E assim foi que, nos últimos degraus, o discreto contacto dos meus dedos nas costas do hóspede, exercido nos momentos próprios, apenas, quero crer, faria nascer no sub-consciente seu a sugestão, imprecisa mas eficaz, da conveniência de não interromper a descida.

Já no vestíbulo, permiti-me ultrapassá-lo: «*Para alumbrarvos, señor!*...». E logo a electricidade desvaneceu a penumbra, emquanto a meia porta da rua, em seguida aberta, não aclarava melhor o interior.

Uma rápida conversão de frente, que a modéstia não me impediu de ter como excelentemente executada, dado o êxito, consentiu-me, sem tirar a mão esquerda do puxador respectivo, circundar com o meu corpo e os braços a forma vaga de José Fernandes e levar a mão direita à meia porta fixa. E, para lá de mim, já o hóspede saía pelo portal...

Nêsse tempo, ainda a Ex.^{ma} Câmara não determinara a colocação das caleiras nos telhados. Acabara de chover; contudo, gotas de chuva caíam, melancolicamente e grossas, dos beirais. Para não ser molhado, *Don José*, de frente para mim, recuou um passo. E realizou-se o desejo dêle; e o meu também. De óra em diante, as gotas de água, que nenhuma aragem impelia, passavam na direcção do fio de prumo, entre nós dois. O «especialista» estava fora da vertical do meu beirado; não se molhava; e também, emfim, já não era o hóspede que Alá me mandava honrar!

Mas *José Fernández* não partia; ainda tinha alguma coisa para dizer-me; e era isto:

— *Y no seria posible, señor director, obtener las credenciales dun muerto?*

Já não fui informado sôbre se seria necessário o diploma dum homónimo ou se bastaria o de qualquer; nem da forma possível da sua utilização; porque, nesta altura, a minha porta rodou veloz

nos silenciosos gonzos, oleados liberalmente havia dias. Logo, ao silêncio do girar, sucedeu o estrondo do bater e a oscilação ruidosa da outra meia porta, de pedrêzes folgados. O martelo levantou-se e recaiu, definitivo e pesado, como que a pôr na conversa um ponto último...

Através da grade, vi que *Don José*, instintivamente, recuara um tanto. Avançava de novo. Erguia o braço como que a caminho de bater; mas, no trajecto, desanimava e modificava o gesto. Metia a mão no bolso, donde retirava o lenço. E, agora, com movimento amplo e grave, não destituído de solenidade magestosa, limpava a fronte augusta à púrpura dos Césares!...

Quando, agoniado, eu virava, para regressar à desejada tranquillidade minha, lobriguei ainda o meu hóspede, pela última vez e sem saúde. À luz cinzenta da tarde que findava, enovoad a e fria, *Don José*, já resignado e sempre triste, dava sôbre si o quarto duma volta e, na sua massa amorfa, gelatinoso e lento, começava escorrendo pela ladeira abaixo...

E eu disse comigo: — ; Como o mesmo nome pode ser o de pessoas tão diferentes!...





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329672317

